

nunca (pelo menos na sua função de pensador) agregando-se como elemento «activo». Concebe-se pelo menos melhor o filósofo que não aceite nunca, em caso de emergência, senão o lugar de simples soldado, como o cidadão mais humilde. Aliás servirá muito melhor com a sua autoridade a causa — de fora. Dentro do partido serão contados sobretudo os seus desvios, os seus afastamentos da respectiva ortodoxia. Ao passo que de fora levarão antes em conta os pontos em que concorda com ela, havendo ainda a acrescentar que tem muito mais pêsso a aprovação do independente do que os protestos de fé do simples partidário. No filósofo só se admite, em suma, — o simpatizante.

\* \* \*

Não nos cansaremos de repetir que, em tôda e qualquer discussão que gira naturalmente à volta do mesmo problema para o qual se procura solução, a primeira de tôdas as coisas a fazer é estabelecer se o ponto de vista dos vários disputadores é realmente o mesmo, ou melhor: se o que procuram, se o seu objectivo, se a solução que mais agrada é realmente a mesma para todos. Se, de-facto (função dos interesses mais ou menos esclarecidos de cada um, função do feitio psicológico de cada um, função do temperamento de cada um), o ponto de vista e portanto a solução desejada é a mesma, então poderá realmente discutir-se com proveito, pois se trata apenas duma visão mais ou menos flagrante da realidade e, em caso de intenção activista, de puro *modus faciendi*. Mas se esse ponto de vista, com a solução almejada, é diferente, então não valerá realmente a pena discutir, pois não haverá na equação senão variáveis e o terreno nunca poderá apresentar a necessária firmeza, tanto mais que cada qual tem o costume de deformar a própria realidade à medida das suas conveniências, sendo extremamente raros neste mundo aquêles puros que só a paixão do conhecimento domina e que são assim capazes de procurar a verdade independentemente de todo e qualquer interesse ou paixão de ordem mais ou menos temporal. Mas concretizemos um pouco a coisa vendo por exemplo o que se passa no que respeita aos problemas de natureza social. Três pontos de vista teremos então essencialmente a considerar: o ponto de vista pessoal, o ponto de vista nacional e o ponto de vista universal, conforme o homem é mais ou menos estreito e egoísta, havendo ainda a acrescentar que o mais corrente de todos os pontos de vista, apresente-se ou não êle disfarçado, é sem dúvida nenhuma o primeiro. Com efeito, tanto através da attitude a tomar que preconizam como através do próprio juízo que da realidade formulam, o que transparece na maior parte dos homens são os seus interesses e paixões mais immediatos, pouco afinal lhes importando a situação e o destino não só de todos os restantes homens dêste mundo como até mesmo dos que com êles constituem a chamada comunidade nacional. Veem depois aquêles que, ou por compreenderem que o seu interesse em certos casos está ligado ao do país inteiro, ou por porem realmente acima de tudo a idéia única da pátria, desejam tôdas as prosperidades para esta, sem quererem porém saber o que será feito do resto da humanidade. E finalmente teremos a

criatura de visão ainda mais larga, que, embora amando a sua pátria, como se ama a casa onde se habita, não se esquece que ela é apenas uma parte dum todo e portanto, não só ao interpretar a realidade como ao estabelecer a sua própria conduta, é levado a considerar tôda a humanidade em bloco. Pois bem. Compreende-se perfeitamente depois disto que pôr criaturas destas três espécies diferentes a discutir qualquer questão de pormenor com o fim de chegar a uma conclusão definitiva, é coisa completamente absurda. Assentemos portanto primeiro em saber se os pontos de vista dos vários contendores são realmente idênticos. Só depois disto valerá de-facto a pena debater sèriamente o problema.

JOSÉ BACELAR

◆ ◆ ◆ ◆

## UMA CARTA

Ex.<sup>mo</sup> Sr. Director da Revista *Seara Nova*:

Lisboa

Os abaixo assinados, leitores, e alguns mesmo colaboradores da Revista *Seara Nova*, veem por esta forma manifestar a V. Ex.<sup>a</sup> quanto os penaliza a resolução dessa revista em contrariar o prosseguimento da discussão travada entre os Srs. Mário Dionísio e João Pedro de Andrade, sôbre um problema ou problemas de doutrina e critica literária, que muito os interessam, problemas que por várias razões tão pouco ventilados teem sido entre nós, e que, a não ser precisamente na *Seara Nova*, não teem, em seu parecer, possibilidades de serem discutidos em qualquer outra revista ou periódico portugueses. Aproveitam a ocasião para exprimirem a sua concordância de principio com Mário Dionísio, e solicitam de V. Ex.<sup>a</sup> o obséquio de dar guarida nas colunas da *Seara Nova* a estas linhas.

Coimbra, 6 de Outubro de 1943.

FERNANDO LOPES GRAÇA  
JOÃO JOSÉ COCHFEL  
JOAQUIM NAMORADO  
JOÃO FARINHA  
CARLOS DE OLIVEIRA  
RUI FEIJÓ

Publicando esta carta de pessoas que tanto prezamos, permitimo-nos apenas chamar a atenção dos nossos leitores para a nota com que acompanhámos a carta de Mário Dionísio, inserta no n.º 842, de 2 de Outubro corrente.